

## MINHA PRÓPRIA VIDA

MY OWN LIFE

David Hume

Tradutor: Jonathan Alvarenga<sup>1</sup>

### 1. Apresentação

Escrita em abril de 1776, *My own life*, traduzida por nós como *Minha própria vida*, é uma autobiografia concisa, redigida por Hume às vésperas de sua morte. Foi publicada postumamente, em março de 1777, por Strahan e Cadell, em um conjunto de outros escritos compilados em uma obra intitulada de *The life of David Hume, Esq. Written by himself*.

Com apenas 21 parágrafos, *Minha própria vida* nos coloca diante da genialidade de Hume, tanto no que diz respeito ao conteúdo quanto à clareza e precisão de sua escrita. Ele não se poupa de críticas nem tenta suavizar as próprias limitações e oscilações de humor, revelando-se como alguém que, ao longo da vida, experimentou tanto sucessos quanto desafios, tanto no âmbito pessoal quanto no profissional.

Esperamos que, com a presente tradução, possamos proporcionar ao leitor uma leitura fluida, preservando, tanto quanto é possível, o conteúdo e estilo do texto original, transportando-o ao cenário do século XVIII que influenciou diretamente a produção e a vida do autor.

### 2. Tradução<sup>2</sup>

É difícil para um homem falar longamente de si mesmo sem demonstrar vaidade. Sendo assim, devo ser breve. Pode-se considerar um ato de vaidade a pretensão de escrever sobre minha vida, mas essa narrativa conterà pouco mais do que a história de meus escritos, já que, de fato,

---

<sup>1</sup> Licenciado em Filosofia pela Universidade Federal de Lavras (UFLA). Mestre em Filosofia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) em regime de bolsa financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Doutorando em Filosofia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) com financiamento de bolsa pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). E-mail: jonathanalvarenga09@gmail.com.

<sup>2</sup> HUME, David. *My own life*. In: *The life of David Hume, Esq. Written by himself*. Dublin: W. Strahan and T. Cadell (Firm), 1777, p. v-xvi.

quase toda a minha vida foi dedicada a atividades e ocupações literárias. O sucesso inicial da maioria de meus escritos não foi suficiente para ser considerado um motivo de vaidade.

Nasci em 26 de abril de 1711, segundo o calendário antigo<sup>3</sup>, em Edimburgo. Pertenci a uma boa família, tanto da parte de pai, quanto por parte de mãe. A família de meu pai é um ramo da linhagem dos condes de Home, ou Hume; e meus ancestrais foram proprietários de terras por várias gerações, estando essas terras agora sob a posse de meu irmão. Minha mãe era filha do Sir. David Falconer, presidente do Colégio de Justiça; o título de Lord Halkerton foi herdado a seu irmão.

Contudo, minha família não era rica, e, sendo eu o irmão mais jovem, possuía, de acordo com o costume de meu país, um patrimônio muito modesto. Meu pai, que diziam ter sido um homem talentoso, morreu quando eu era criança, deixando-me, juntamente com um irmão mais velho e uma irmã, sob os cuidados de nossa mãe, uma mulher de mérito singular que, apesar de jovem e bela, devotou-se inteiramente à criação e educação de seus filhos. Passei pelo curso comum de educação com êxito e fui tomado muito cedo por uma paixão pela literatura, que tem sido a paixão soberana de minha vida e a grande fonte de meus prazeres. Minha disposição aos estudos, minha sobriedade e minha diligência deram à minha família a impressão de que o direito era a profissão certa para mim, mas eu senti uma aversão desmedida a tudo, exceto aos estudos de filosofia e aprendizado geral. Enquanto eles imaginavam que eu me debruçava sobre Voet e Vinnius, Cícero e Virgílio eram os autores que devorava secretamente.

Contudo, devido à minha escassa fortuna, que era inadequada para sustentar esse plano de vida, e minha saúde sendo um pouco fragilizada pelo meu ardente empenho, fui persuadido, ou melhor, forçado, a fazer uma tentativa muito débil para entrar em um cenário de vida mais ativo. Em 1734, fui à Bristol, com algumas recomendações de vários comerciantes eminentes, mas em poucos meses percebi aquele cenário como sendo totalmente inadequado para mim. Fui à França, com o objetivo de continuar meus estudos em um retiro no campo e lá coloquei em prática esse plano de vida, que tenho perseguido com firmeza e sucesso. Resolvi fazer um racionamento muito rígido para suprir as debilidades de minha fortuna, manter minha independência intacta e considerar cada objeto como desprezível, exceto <aqueles necessários para> o aperfeiçoamento de minhas aptidões literárias.

Durante meu retiro na França, primeiro em Reims, mas principalmente em La Flèche, em Anjou, compus o *Tratado da Natureza Humana*. Após passar três anos muito agradáveis naquele

---

<sup>3</sup> O calendário mencionado no texto refere-se ao calendário juliano, usado na Grã-Bretanha e em outros lugares antes da adoção do calendário gregoriano, introduzido pelo Papa Gregório XIII, em 1582. A Grã-Bretanha adotou-o apenas em 1752. Desta forma, a data de nascimento de Hume, segundo o calendário mais atual, é 7 de maio de 1711, uma vez que o calendário juliano possui 11 dias a menos que o gregoriano.

país, retornei a Londres em 1737. No final de 1738, publiquei meu *Tratado* e, logo em seguida, voltei para junto de minha mãe e de meu irmão, que viviam em sua casa de campo, ocupando-se muito judiciosamente e com sucesso no aumento de sua fortuna.

Nenhuma tentativa literária foi tão frustrada quanto meu *Tratado da Natureza Humana*. Ele nasceu morto na prensa, sem alcançar a distinção suficiente para excitar um murmúrio entre os zelotes. Mas, sendo naturalmente de um temperamento alegre e sanguíneo, logo recuperei o fôlego e continuei com grande ardor meus estudos no país. Em 1742, publiquei em Edimburgo a primeira parte de meus *Ensaio*s: o escrito foi favoravelmente recebido, e logo me fez esquecer inteiramente minha primeira decepção. Continuei com minha mãe e meu irmão no país e, durante esse período, recuperei o conhecimento da língua grega, que havia negligenciado bastante em minha juventude.

Em 1745, recebi uma carta do Marquês de Annandale, convidando-me para residir com ele na Inglaterra. Descobri também que os amigos e familiares daquele jovem nobre estavam desejosos de colocá-lo sob meus cuidados e direção, pois o estado de sua mente e de sua saúde assim o exigia. Vivi com ele por doze meses. Meus compromissos durante esse período levaram minha pequena fortuna a uma considerável ascensão. Em seguida, recebi um convite do General St. Clair para assistir-lhe como secretário de sua expedição, que inicialmente tinha como alvo o Canadá, mas que se findou em uma incursão na costa da França. No ano seguinte, a saber, em 1747, recebi um convite do General para acompanhá-lo na mesma base da embaixada militar nas cortes de Viena e Turim. Nessa ocasião, usei o uniforme de um oficial e fui introduzido nestas cortes como auxiliar de campo do general, junto ao Sir. Harry Erskine e ao capitão Grant, agora general Grant. Esses dois anos foram praticamente as únicas interrupções que meus estudos tiveram durante o curso de minha vida: passei-os agradavelmente e em boa companhia. Meus ganhos, bem como minha frugalidade, fizeram-me acumular uma fortuna que garantiu minha independência, apesar de muitos amigos estarem inclinados a rir quando eu dizia isso. Em resumo, eu era agora senhor de quase mil libras.

Sempre carreguei comigo a ideia de que minha falta de sucesso ao publicar o *Tratado da Natureza Humana* se devia mais à forma do que ao conteúdo, além de ter sido culpado por uma indiscrição muito comum: publicá-lo precocemente. Sendo assim, reescrevi novamente a primeira parte deste trabalho na *Investigação sobre o Entendimento Humano*, que foi publicada enquanto estava em Turim. Porém, essa obra teve, a princípio, apenas um pouco mais de sucesso que o *Tratado da Natureza Humana*. Ao retornar da Itália, fiquei mortificado ao encontrar toda a Inglaterra excitada pela obra *Free Enquiry* do Dr. Middleton, enquanto meu desempenho foi totalmente esquecido e negligenciado. Uma nova edição dos meus *Ensaio*s, moral e política, que foi publicada em Londres, não encontrou uma melhor recepção.

Por uma força natural de meu temperamento, essas frustrações pouco ou nada afetaram. Em 1749, fui morar com meu irmão e lá fiquei por dois anos, pois minha mãe já havia falecido. Durante esse tempo, compus a segunda parte de meus *Ensaio*s, que chamei de *Discursos Políticos*, e minha *Investigação sobre os Princípios da Moral* — outra parte do meu *Tratado* que reformulei. Enquanto isso, meu editor, A. Millar, informou-me que minhas primeiras publicações (todas, exceto o infeliz *Tratado*) haviam começado a ser objetos de debate, que as vendas estavam crescendo gradualmente, e que as novas edições estavam sendo requisitadas. Começaram a surgir respostas de reverendos e bispos, duas ou três por ano. Descobri, pela crítica do Dr. Warburton, que os livros estavam começando a ser estimados em boa companhia. Contudo, tomei a decisão, que mantive inflexivelmente, de nunca responder a quem quer que fosse; e não sendo muito irascível por temperamento, mantive-me facilmente livre de qualquer contenda literária. Esses sinais de uma reputação em ascensão me deram coragem, uma vez que sempre estava disposto a ver o lado favorável das coisas, do que o desfavorável; uma disposição mental que é mais feliz para se ter do que nascer com uma fortuna de dez mil ao ano.

Em 1751, mudei-me do campo para a cidade, o local propício para um homem de letras. Em 1752, foi publicado em Edimburgo, onde eu então vivia, meus *Discursos Políticos*, meu único trabalho a obter sucesso na primeira publicação. Ele foi bem recebido tanto no exterior quanto em casa. No mesmo ano, foi publicado em Londres minha *Investigação sobre os Princípios da Moral* que, segundo minha opinião (embora eu não deva emitir julgamentos sobre o assunto), é, de todos os meus escritos — históricos, filosóficos, ou literários — incomparavelmente, o melhor. Entretanto, não foi noticiado nem notado pelo mundo.

Em 1752, a Faculdade dos Advogados me escolheu como seu bibliotecário, um cargo que recebia pouca ou nenhuma regalia, mas que me deu o comando de uma vasta biblioteca. Formei, então, o plano de escrever a História da Inglaterra, mas, assustado com a hipótese de narrar um período de 1700 anos, comecei com a ascensão da Casa de Stuart, uma época em que, pensei, as deturpações das facções começaram a se tornar frequentes. Admito que estava otimista em minhas expectativas de obter sucesso com esse trabalho. Pensei que era o único historiador a negligenciar, ao mesmo tempo, o poder atual, os interesses, a autoridade, e os prejuízos do clamor popular; e como adequada recompensa a toda essa capacidade, esperava os proporcionais aplausos. Mas meu desapontamento foi enorme: fui atacado por um clamor de censura, reprovação e até mesmo execração; ingleses, escoceses, e irlandeses, whigs e tories, clérigos e dissidentes, livres-pensadores e religiosos, patriotas e cortesãos, todos unidos em sua fúria contra um homem, que ousara derramar uma lágrima generosa pelo destino de Charles I e do Conde de Strafford. Quando as primeiras

ebulições de sua fúria cessaram, o que foi ainda mais mortificante, o livro parecia mergulhar no esquecimento. O Sr. Millar me disse que em doze meses havia vendido apenas quarenta e cinco cópias dele. De fato, mal ouvi falar de um homem, em todo Reino Unido, de posição ou erudição, que houvesse tolerado o livro. As únicas exceções haviam sido o arcebispo da Inglaterra, Dr. Herring, e o arcebispo da Irlanda, Dr. Stone, que parecem duas exceções curiosas. Esses dignos prelados, cada um por sua vez, enviaram-me mensagens para que eu não fosse desencorajado.

Confesso, porém, que estava desencorajado; e se não fosse a guerra que havia sido deflagrada entre a França e a Inglaterra naquele momento, eu certamente teria me retirado para alguma cidade provincial do primeiro reino, mudado meu nome e nunca mais retornado ao meu país natal. Mas este plano não era factível, e o volume seguinte já estava consideravelmente avançado, de modo que resolvi tomar coragem e perseverar.

Neste ínterim, publiquei em Londres minha obra *História Natural da Religião*, junto com alguns outros pequenos escritos: sua entrada para o público foi bastante obscura, exceto pelo fato de que o Dr. Hurd escreveu um panfleto contra ela, com toda a petulância iliberal, arrogância e escárnio, que distinguem a escola warburtoriana. Esse panfleto me trouxe algum consolo, apesar da recepção geralmente indiferente à minha obra.

Em 1756, dois anos após a publicação do primeiro volume, foi publicado o segundo volume de minha *História*, abrangendo o período desde a morte de Charles I até a Revolução. Esse trabalho causou menos descontentamento entre os Whigs e foi mais bem recebido. E não apenas se destacou, como também ajudou a alavancar seu desafortunado irmão.

Porém, apesar de ter sido ensinado pela experiência que o partido Whig estava em condições de me conceder todos os cargos, tanto no Estado quanto na literatura, estava pouco inclinado a ceder ao seu clamor infundado. Nas mais de cem alterações que minhas leituras e reflexões posteriores me inspiraram a fazer sobre os reinados dos dois primeiros Stuarts, todas elas foram feitas invariavelmente em favor dos Tory. É ridículo considerar a constituição inglesa antes desse período como um plano regular de liberdade.

Em 1759, publiquei *The history of England: under the House of Tudor*. O clamor contra esse trabalho foi quase tão grande quanto o da história dos dois primeiros Stuarts. O reinado de Elizabeth foi particularmente detestado. Mas agora me mantive insensível às manifestações de tolice pública e continuei em paz e contente em meu retiro em Edimburgo, para finalizar, sob a forma de dois volumes, a parte mais antiga da História da Inglaterra, que apresentei ao público em 1761, com sucesso razoável – embora não muito mais do que razoável.

Porém, não obstante essa variedade de ventos e estações às quais meus escritos haviam sido expostos, eles continuaram tendo avanços, pois o dinheiro das cópias que recebi dos livreiros ultrapassou em muito qualquer coisa antes conhecida na Inglaterra. Tornei-me não apenas independente, mas opulento. Retirei-me para meu país natal, Escócia, determinado a nunca mais sair de lá, satisfeito por nunca ter feito um pedido a um grande homem, nem ter feito avanços nas relações de amizade com qualquer um deles. Tinha por volta dos cinquenta anos, pensava em passar todo o resto de minha vida nesse empenho filosófico, quando recebi, em 1763, um convite do conde de Hertford, com quem eu não tinha qualquer familiaridade, para acompanhá-lo em sua embaixada em Paris, com o intuito de ser nomeado secretário da embaixada; e, enquanto isso, desempenhar as funções daquele cargo. Apesar de convidativa, inicialmente declinei essa oferta, tanto por estar relutante em iniciar conexões com grandes figuras, quanto por receio de que as cortesias e a companhia jovial de Paris me fossem desagradáveis, considerando minha idade e temperamento. Mas quando o conde reiterou o seu convite, aceitei. Tenho todos os motivos, tanto por prazer quanto por interesse, para me achar feliz em minhas relações com aquele nobre homem, bem como depois com seu irmão, o General Conway.

Aqueles que não são capazes de notar os estranhos efeitos dos modos nunca imaginarão a recepção que tive em Paris, de homens e mulheres de todas as classes e posições sociais. Quanto mais me recolhia diante de suas excessivas cortesias, mais estava sobrecarregado por elas. Há, contudo, uma satisfação genuína de se viver em Paris, por conta do grande número de companhias sensíveis, sensatas e educadas com as quais aquela cidade se distingue em relação a qualquer outro lugar do universo. Em certo momento, pensei em passar minha vida ali.

Fui nomeado secretário da embaixada e, no verão de 1765, Lord Hertford partiu, pois havia sido nomeado Lord Lieutenant da Irlanda. Eu fiquei encarregado dos negócios até a chegada do Duque de Richmond, por volta do fim daquele ano. No início de 1766, deixei Paris e, no próximo verão, fui para Edimburgo, com o mesmo propósito de antes: enterrar-me em um retiro filosófico. Voltei àquele lugar sem estar rico, mas por conta da amizade de Lord Hertford, com muito mais dinheiro e com uma renda muito maior do que a de quando parti. Estava desejoso por descobrir o que a abundância poderia me proporcionar, já que antes havia experimentado apenas o necessário. Mas, em 1767, recebi um convite do Sr. Conway para ser seu subsecretário; e a esse convite, tanto pelo seu caráter, quanto por minhas conexões com o Lord Hertford, fui impedido de recusar. Retornei a Edimburgo em 1769, muito opulento (pois possuía uma remuneração de 1000 libras ao ano), saudável e, apesar de um pouco avançado em idade, com perspectiva para aproveitar longamente minhas comodidades, além de ver o crescimento de minha reputação.

Na primavera de 1775, fui assolado por uma desordem em meu intestino que, a princípio, não me alarmou, mas que desde então, como percebo, tornou-se mortal e incurável. Eu conto agora com uma dissolução iminente. Tenho sofrido poucas dores por causa de minha enfermidade; e o mais estranho é que, apesar da decadência do meu corpo, nunca houve um momento em que meu espírito tenha se abatido; de modo que, se tivesse de escolher um momento de minha vida para reviver, possivelmente escolheria esse último. Mantenho o mesmo ardor de sempre em meus estudos, e a mesma alegria na companhia. Considero, além disso, que um homem de sessenta e cinco anos, à beira da morte, perde apenas alguns anos de debilidades. Também sei que, apesar de ver muitos sinais de que minha reputação literária possa estar finalmente se despontando com considerável brilho, tenho apenas alguns anos para desfrutá-la. É difícil estar mais desapegado da vida do que estou atualmente.

Para concluir historicamente com meu próprio caráter. Eu sou, ou melhor, era (pois esse é o estilo que devo agora usar ao falar de mim, o que me anima mais a expressar meus sentimentos); eu era, digo, um homem de disposição gentil, de temperamento comedido, de um humor aberto, social e alegre, capaz de se apegar, mas pouco suscetível à inimizade, e de grande moderação em todas as minhas paixões. Até mesmo meu amor pela fama literária, minha maior paixão, nunca amargurou meu temperamento, não obstante minhas frequentes decepções. Minha companhia não era desagradável tanto para os jovens e despreocupados, quanto para estudiosos e literatos; e como tenho um particular prazer na companhia de mulheres modestas, não tinha motivo para estar descontente com a recepção que recebi delas. Em uma palavra, embora muitos homens eminentemente sábios tenham encontrado motivo para reclamar de calúnia, nunca fui tocado, ou mesmo atacado por ela, e embora eu me expusesse arbitrariamente à ira das organizações civis e religiosas, elas pareciam estar desarmadas de sua habitual fúria ao lidar comigo. Meus amigos nunca tiveram a ocasião de defender qualquer aspecto de meu caráter e conduta: não que os zelotes, podemos supor, não teriam tido o prazer de inventar e propagar qualquer história sobre minhas fraquezas; mas nunca conseguiram encontrar uma que parecesse remotamente plausível. Não posso dizer que não haja vaidade em fazer essa oração funesta de mim mesmo, mas espero que não seja inadequada; e essa é uma questão de fato, que pode ser facilmente esclarecida e averiguada.

18 de abril de 1776.